

PLANTAS DE USO TERAPÊUTICO E ALIMENTAR EM AMATO LUSITANO E DIOGO PIRES

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Minho

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo comparar e comentar o modo como dois humanistas portugueses do séc. XVI, o médico Amato Lusitano e o poeta Diogo Pires, escreveram sobre algumas plantas de uso terapêutico e alimentar, a saber, a pimenta e o gengibre, especiarias originárias do oriente, por um lado, e o alho, a cebola e as trufas, por outro. Ver-se-ão algumas homologias curiosas, embora não totalmente inesperadas.

PALAVRAS-CHAVE

Amato Lusitano, Diogo Pires, plantas aromáticas e medicinais

ABSTRACT

The present article has as its objective to compare and comment the way in which two Portuguese humanists of the 16th century, the physician Amato Lusitano and the poet Diogo Pires, wrote, on one hand, about plants of culinary and medicinal use from the Far East such as pepper and ginger, on the other, about garlic, onion and truffles. We will see some curious, but not totally unexpected, homologies.

KEYWORDS

Amato Lusitano, Diogo Pires, aromatic and medicinal plants.

Ler os autores do século XVI, *maxime* aqueles que escreveram em latim, revela-se uma constante surpresa, sejam eles Amato Lusitano, Diogo Pires, André de Resende, Inácio de Moraes, Diogo de Teive, Pedro Nunes, Garcia de Orta ou outros. No presente artigo, prestar-se-á atenção a Amato Lusitano, médico albicastrense, e a Diogo Pires, poeta eborense, perspectivados numa associação que não é fortuita. Trata-se de dois grandes vultos da cultura portuguesa do século XVI, irmanados por uma sólida cultura humanística, pela formação em medicina e por uma vida perseguida pela Inquisição, que os forçou a deixar o país. A figura de Amato – um dos mais insígnis médicos portugueses do século XVI – mereceu ao longo dos tempos e continua a merecer, ainda hoje, uma justa atenção. As suas anotações, notícias e comentários constituem um manancial por assim dizer inesgotável de informações da maior relevância para botânicos, farmacêuticos e homens de letras.¹ O mesmo se poderá dizer do seu primo Diogo Pires, médico também, mas sobretudo notável poeta quinhentista, apesar de menos afortunado no que à projecção da sua obra diz respeito.² Com o presente estudo, pretende-se enquadrar no seu tempo o médico Amato e o primo poeta, pesquisar na obra de ambos sinais do seu convívio intelectual e conhecer, mais especificamente, o que dizem sobre a pimenta e outras plantas.

AMATO LUSITANO, UM MÉDICO E FILÓLOGO DO RENASCIMENTO

A obra de Amato (1511-1568) – vale a pena lembrá-lo – foi toda redigida em latim e é exemplo acabado do chamado humanismo médico, na medida em que o seu autor é um genuíno representante – para usar das palavras de Montero Cartelle – da “figura del médico-filólogo, o, mejor dito, del filólogo-médico, tan peculiar del siglo XVI”.³ De facto, sendo médico, não se limita a exercer com dedicação o seu mester. Além de investigar em profundidade as virtudes farmacológicas de minerais, animais e plantas, importa-lhe igualmente conhecer a opinião dos antigos e comentá-los,

¹ A bibliografia sobre Amato tem crescido muito nos últimos tempos. Para o seu estudo, citem-se, entre os mais recentes: JORGE (1962), MARTINS (2010) e MORAIS (2011). Importa ainda consultar os *Cadernos de Cultura – Medicina na Beira Interior – da Pré-História ao Século XX*, uma revista que desde 1989, sob a direcção de António Lourenço Marques e edição de António Salvado, tem regularmente revisitado a vida e obra do grande médico português, João Rodrigues de Castelo Branco, ou, como passou a assinar, Amatus Lusitanus.

² Sobre Diogo Pires, que só mais recentemente foi objecto de atenção por parte de reputados investigadores, três nomes importa reter: Américo C. RAMALHO, Carlos A. ANDRÉ e António ANDRADE. Os trabalhos destes estudiosos têm posto em relevo a sua importância para o estudo do nosso século XVI, mas também a qualidade poética da sua obra. Em 1983 escrevia Carlos A. André: “Mais recentemente ainda, o Professor Doutor Américo da Costa Ramalho lançou as bases de uma investigação séria e cuidada sobre esse que é, sem sombra de dúvida, um dos maiores poetas novilatinos do Renascimento português.” (ANDRÉ 1983: 15-16). De então para cá, os estudos de Carlos A. André e de António Andrade trouxeram novos dados e uma nova luz sobre Diogo Pires.

³ MONTERO CARTELLE, E., 1996: 731-737. Como salientou o Prof. A. Costa Ramalho (no prefácio ao livro de Mario Santoro, 1991, p.3): “Amato foi um humanista, não apenas por ter escrito em bom latim as suas obras, mas por toda a sua educação e cultura que iam muito além da formação profissional do médico”. Sobre esta questão da preocupação filológica do médico Amato Lusitano, vd. V. PEREIRA, 2004: 289-312.

expondo por fim o seu juízo crítico (*iudicium*) com base não apenas no saber dos livros, mas também com base na sua experiência de clínico.⁴

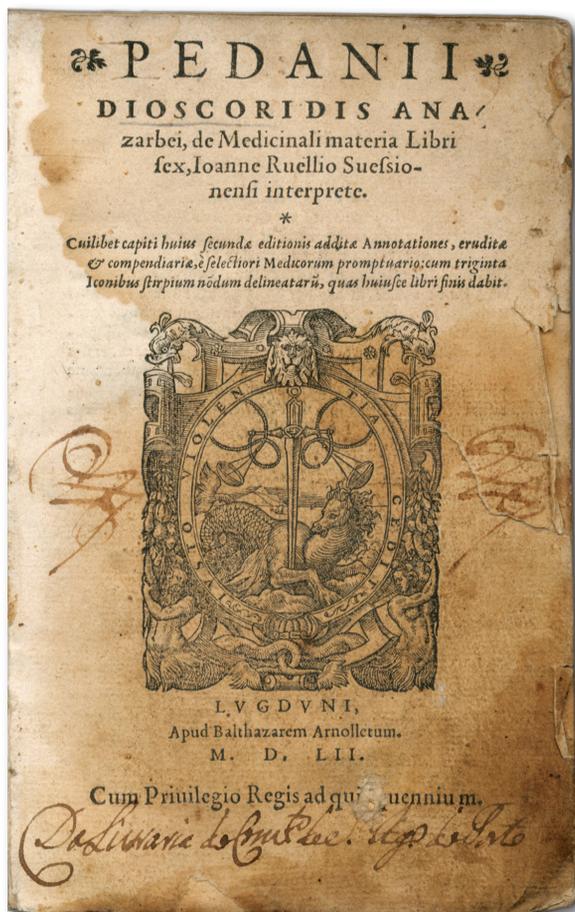
É este, sem dúvida, um dos aspectos mais marcantes da sua obra: a dupla vertente científica e filológica. O próprio autor não deixa de o assinalar no frontispício da sua primeira produção escrita, o *Index Dioscoridis*, datado de 1536, ao declarar, logo na portada, que este livro interessa em simultâneo a dois tipos de público: aos médicos, boticários e perfumistas, por um lado, mas também aos amantes dos *studia humanitatis*. Ora esta simultaneidade de interesses não deve causar qualquer estranheza ou admiração, pois é filha do tempo. Como lembrou Paul Oskar Kristeller (1982: 1214), “O movimento humanista teve o seu início não no campo dos estudos filosóficos ou científicos, mas sim no dos gramáticos e retóricos”. Foram os gramáticos e retóricos que procuraram fazer da sua área de estudo uma autêntica *ianua scientiarum*, a saber, uma porta de entrada para todos os campos da actividade intelectual e científica, fossem eles da área da teologia, do direito ou da medicina. Era este o “sonho do Humanismo”, isto é, a crença de que toda a ciência devia ter o seu fundamento nos *studia humanitatis*, aos quais não estaria vedado qualquer campo de investigação.⁵ Amato Lusitano, figura cimeira do renascimento médico português e europeu, não ficou alheio a este “sonho”, embora nunca deixe de conceder a primazia ao saber médico. Daí a sua decisão de traduzir e comentar Dioscórides. “A obra de Dioscórides, que desde o século I da nossa Era tinha constituído o guia da Medicina fitoterapêutica, foi nesse século XVI largamente anotada e comentada. Amato foi um dos seus comentadores, e os pertinentes comentários e anotações que fez a essa obra contribuíram largamente para um melhor conhecimento das virtudes terapêuticas de algumas espécies nelas referidas.”⁶

João Rodrigues de Castelo Branco deu início à sua actividade de tradutor e comentador da obra de Dioscórides em Antuérpia, no ano de 1536, com a publicação do *Index Dioscoridis*, que ficou inacabado, e voltou ao assunto, passados cerca de dezassete anos, com o Comentários conhecidos pelo título *In Dioscoridis Libri Quinque Enarrationes*, que têm a sua edição *princeps* em Veneza, no ano de 1553. Foi intento do autor retomar a obra de Dioscórides e refazer o anterior trabalho (o *Index*), para o oferecer aos Governadores e ao Senado ragusinos, como diz expressamente na carta-dedicatoria das *Enarrationes* que dirigiu à cidade-república de Ragusa, datada de Roma, 15 de Maio de 1551.

⁴ Segundo Maximiano Lemos (LEMOS, 1995: 56), Amato é um erudito que “conhece sete línguas: o grego, o latim, o hebreu, o alemão, o francês, o italiano e o espanhol, além da sua própria, e isto permite-lhe comentar Dioscórides com profundo conhecimento do texto e dos seus diferentes interpretadores; (...)”

⁵ Vd. RICO, 1993: 17-19. Aqui se lembra como, para o famoso matemático português do século XVI, Pedro Nunes, a *grammatica* era a “mãe de todos os saberes”.

⁶ SALVADO, 1992: 13. O *De materia medica* de Dioscórides fora traduzido para latim por Ermolao Barbaro e Jean de Ruelles, sendo as duas traduções publicadas em 1516. Foi também traduzido para italiano por Mattioli / Matthiolus (Veneza, 1544), considerado um dos mais sábios comentadores de Dioscórides (mas muitas vezes censurado por Amato), e para espanhol por Andrés Laguna (Antuérpia 1555), de quem Amato foi condiscípulo.



Comparadas com o anterior *Index*, as *Enarrationes* são agora um extenso volume, com anotações mais ou menos longas ao texto de Dioscórides.⁷ Os dezassete anos decorridos entre o *Index* e as *Enarrationes* e a experiência clínica entretanto adquirida tinham dado os seus frutos. No capítulo da designação das plantas, há inúmeras equivalências terminológicas que variam do *Index* para as *Enarrationes*. No corpo dos comentários, verifica-se haver dados que não reaparecem ou são alterados ou corrigidos. Assim, e a título de mero exemplo: no *Index* II 88 Amato justifica o nome *orobanche* com o facto de a planta, enrolando-se nas outras, as estrangular; na *enarratio* correspondente (*en.* II 136), esta opinião, atribuída a Teofrasto, é criticada; segundo Amato, a planta, nascendo entre as leguminosas, asfixia-as, *ut experientia indicat*.⁸

DIOGO PIRES, UM POETA NOVLATINO

Bem diferente é a obra deste médico, natural de Évora, parente e amigo de Amato, que foi essencialmente um poeta, talvez um dos maiores do nosso

humanismo quinhentista. A sua obra, toda em latim, foi em grande parte reunida num espesso volume intitulado *Cato Minor*, que acolhe uma produção diversificada, como adiante se verá.⁹

Amato e Diogo Pires conviveram durante os anos da sua juventude, frequentaram juntos a Universidade de Salamanca e deixaram sinais desse convívio nas respectivas produções. Amato

⁷ Nas palavras de A. ANDRADE (2010: 39), "As *Enarrationes* do humanista português estão peçadas de divagações e reflexões muito variadas." A estrutura de cada entrada é a mesma: à identificação da planta, do animal ou do mineral, segue-se a sua descrição (tamanho, cor, tipo de caule ou raiz...) e, no final, a utilização medicinal da planta, do animal ou do mineral.

⁸ *Ind.* II 88: *Orobanche ex maleficio nomen fecit antiquitas, et quoniam fruges legumina ervumque praesertim circunligando se necet ervi angina dicta est; id enim orobanche Graecis significat; quam Marcellus vidit, nec quicquam inter segetes et legumina per aestatem frequentius inveniri fatetur.* *En.* II 136: *Orobanche ex maleficio nomen traxit, quod videlicet, legumina, praecipue orobum, inter quae nasci diximus, strangulet, non illis se circunligando, ut Theophrastus dixit, sed tantum inter eas nascendo, ut experientia indicat.* E, num outro passo, agora a respeito do *nasturtium* (*Index* II 101, *En.* II 149), critica a opinião de Plínio, acrescentando: *non absque errore tamen, ut experientia quotidiana docet.*

⁹ Vd. ANDRADE, 2009: 345-351, e, do mesmo autor, a tese de doutoramento intitulada *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2005 (versão policopiada). Para C. A. ANDRÉ (2004: 171), Diogo Pires é "com justiça considerado um dos mais notáveis poetas humanistas de origem judaica".

refere (*Curationes Medicinales*, Centuria VI, Curatio XXX) que tratou Diogo Pires em Ragusa, administrando-lhe um emoliente que o curou. Diz dele que é “varão muito versado nas línguas grega e latina e poeta de grande erudição” (tradução de C. A. André, 1992: 22). Num comentário à Centúria III, cura XXXVIII, Amato apresenta Diogo Pires a debater a questão da existência ou não de febre contínua numa doença aguda, apoiando-se para tal nos *Aforismos* de Galeno. Mais tarde, Diogo Pires volta a ser chamado a dar a sua opinião em *Dioscoridis Enarrationes* IV, CXLVIII (*De persicis*). Da leitura integral dos passos referidos pode depreender-se que, tendo formação médica, não exerceu a profissão, embora tenha lido Galeno no original, como acima se referiu. Este Diogo Pires, por sua vez, dirige a Amato uma elegia e recorda a sua morte num *Epitaphium*. É através deste poema à morte do primo que sabemos que Amato morreu de peste em Tessalonica, no ano de 1568. O epitáfio figura no *Cato Minor* (1596, p.163), apresenta-se com o título *Amati Lusitani medici physici praestantissimi epitaphium*, e vem acompanhado da seguinte anotação: *Obiit fere sexagenarius pestilentia Thessalonicae anno 1568*. O epitáfio, composto em dísticos elegíacos, como era de regra neste tipo de composição, reza assim (em tradução):

Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente,
ou voltava a chamá-la das águas do Letes,
querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis,
aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou, ao morrer.
Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro.
Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura!
Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam,
em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes.¹⁰

Em tempos, compusera Diogo Pires um outro poema dirigido a Amato, quando o autor partia para Lovaina (*Ad Ioannem Rodericum medicum, Lovanium petiturus*).¹¹ Em ambas as composições, na elegia e no epitáfio, ecoa o sentimento do exilado e a saudade das terras que ambos deixaram, repercutida esta no epíteto onomástico que ambos escolheram: *Lusitanus*.¹²

A PIMENTA E OUTRAS PLANTAS EM AMATO E DIOGO PIRES

Atento às novidades que vinham de África e da Índia, Amato colhia daí muitas informações e confrontava-as com os dados hauridos nos autores antigos e com o que conhecia por experiência

¹⁰ Veja-se texto e tradução em A. Costa RAMALHO (1985, p. 217).

¹¹ O texto e tradução destes poemas, bem como comentários de enquadramento dos mesmos, podem ser consultados em C. A. ANDRÉ (1992: 104-107).

¹² *Amatus Lusitanus* é o nome que o médico João Rodrigues de Castelo Branco adoptou para figurar nas suas obras, excepto na primeira, o *Index Dioscoridis*. Relativamente a *Amatus*, nome de família, vd. A. Costa RAMALHO (1988, pp. 135-137). Ricardo JORGE (1962:16) lembra como Amato usa com frequência *patria mea, Lusitani nostri*, além de *nostris Portugalenses*. Segundo C. A. ANDRÉ (1983: 17), o poeta Diogo Pires, natural de Évora, ora assinava *Didacus Pyrrhus Lusitanus*, ora *Iacobus Flavius Eborensis*.

própria, isto é, com o que a realidade a cada passo patenteava, desmentindo dados e factos secularmente tidos por adquiridos.¹³ Era o tempo em que as verdades antigas se viam ultrapassadas a cada passo pelos conhecimentos trazidos de além-mar. Na sequência das descobertas dos Portugueses no Oriente e da implementação de trocas comerciais, em grande parte justificadas pela procura de especiarias, multiplicam-se os conhecimentos de novas espécies animais, vegetais e minerais.¹⁴ Gaspar Barreiros captará e exprimirá de forma eloquente as novidades propiciadas pela acção de Portugal no Oriente. Escreve ele, a dado passo da sua *Chorographia*, editada em 1561:

(...) Quanta novidade de pedras, hervas, peixes, e outros animaes ignotos? Que maravilhosa qualidade de terras, de aruores, de plantas, fructos, legumes, e outros mantimentos? Que drogas? Que aromatas? E quanto numero de simples, em que Aristoteles, Theofrasto, Dioscorides e Galeno, teueram copiosa materia para compoerem historias naturaes? (...) E em quantas d'estas cousas podêram redarguir muitas que tam excellentes Philosophos e Geographos por certas screvêram, cuja verdade acharam nossas armas e descobriram nossas navegações? (citado de Rui LOUREIRO, 1998: 133).

Do Oriente chegavam, portanto, “plantas novas, que os doutos não conhecem”, como refere Camões no poema que compôs em Goa, em 1563, a “recomendar” ao Vice-Rei da Índia a obra do seu amigo Garcia de Orta, a primeira edição dos *Colóquios*.

Amato e Diogo Pires não ficaram alheios a este afluxo de novas espécies, mostrando-se atentos a várias dessas plantas, aromáticas ou medicinais, nomeadamente à pimenta e ao gengibre, vindas do Oriente, entre outras. Amato Lusitano evoca por várias vezes, aqui e ali, as novidades que do Oriente nos chegavam com as naus portuguesas procedentes da Índia. Assim acontece, por exemplo, quando refere a **pimenta** (*Index*, II, phil. 105):

(...) nigrum piper ... cuius magna copia singulis annis ab India ex regione praecipue Corumcol, ad regem Lusitaniae advehitur. Piper vero longum alius est, officinis iam familiare, quod ex insula Samotra apud Indiam ad nos praecipue adfertur.

(...) grande quantidade dessa pimenta preta chega da Índia, em particular da região de Corumcol, todos os anos ao rei da Lusitânia. Quanto à pimenta longa, é outra coisa, já conhecida das boticas, e chega-nos em especial da ilha de Samotra, próximo da Índia.¹⁵

¹³ Assim, no *Index*, fil. 107, dedicada ao *hidropiper*, dá a entender que Hermolao Bárbaro não identificou bem a planta, talvez por ser um homem sedentário, que apenas estudou nos livros. Diz ele: “De facto, este homem, sendo embora muito culto e muito atento, mas entregue talvez a um estudo exclusivamente sedentário, teria observado a distinção que fizemos, e não teria chegado a esta dúvida, pois que, como afirmámos, existe a pessegueira sem manchas e não é menos vulgar do que a que tem pequenas manchas (...)”

¹⁴ Humanistas como Damião de Góis ou João de Barros “exploraram as *cousas do Oriente* com persistência, procurando conjugar a herança dos antigos com as novidades chegadas pela rota do Cabo; outros ainda, como D. João de Castro e Garcia de Orta, questionam criticamente a herança humanista, que ultrapassam de forma inovadora, graças a uma intensa experiência ultramarina.” (Rui LOUREIRO, 1998: 130-131). Este mesmo autor traz à memória o testemunho do matemático Pedro Nunes, “que no seu *Tratado da Sphera*, publicado em Lisboa em 1537, lembrava que os Portugueses, nas suas navegações, tinham demonstrado “*ser a terra mor que o mar: e aver hi Antipodas: que ate os Sanctos duvidaram*”. Assim se alcançavam as “puras verdades”, fruto da experiência, que em tudo é “mestra”, como lembra Camões no canto V, pela voz do Gama.

¹⁵ E a respeito da pimenta longa e da ilha Somatra, acrescenta: *Somatra, Taprobana dicta*. Na *en. 153*, dedicada ao mesmo tema, conta que uns amigos lhe trouxeram da Índia, conservados em vinagre, uns cachos verdes de pimenta, acrescentando: “ao vê-los, ficamos cientes de que a

Quanto ao **gingibre**, assevera Amato (*Index*, phil. 106):

Zingiber ubique aroma notum, quod ex Indiae Insula Cananor dicta circumfertur; radix scilicet fruticis graminis nostri similis; galangua longe resalia est, antiquis forsitan ignota.

‘O gengibre é uma especiaria em toda a parte conhecida; é trazida da ilha índica chamada Cananor, isto é, a raiz do fruto é semelhante ao nosso lódão ou junco da Índia; a galanga é uma coisa bem diferente, desconhecida talvez dos antigos.’

Também Diogo Pires se pronunciará sobre a pimenta e o gengibre, se bem que em contexto totalmente diverso e com propósitos muito diferentes, decorrentes da natureza diversa da respectiva produção. Entre as várias obras suas reunidas no volume *Cato Minor* destacam-se os *Xenia* [presentes de hospitalidade], um conjunto de cerca de 230 dísticos claramente inspirados no livro homónimo de Marcial.¹⁶ Uma grande quantidade destes *Xenia* de Diogo Pires é dedicada a plantas medicinais e ervas aromáticas e alguns deles revelam afinidades com o que Amato refere nos seus comentários. É certo que o conhecimento deste tipo de plantas, por parte de Diogo Pires, se deve não apenas à sua formação médica e aos seus interesses de humanista, mas também ao facto de pertencer a “uma das principais famílias judaico-portuguesas envolvidas no comércio internacional das especiarias”, como escreveu António Andrade (2009: 349).

Em todo o caso, é também muito possível, ou provável, que Diogo Pires tenha tido em mente a obra do primo Amato, quando compôs alguns dos seus *Xenia*. No dístico intitulado *Spinaca* (*Cato Minor*, 1596, p. 53), é referido o esforço de Amato na identificação dessa planta:

Quae spinaca vocant, iam dudum quaerit Amatus,
Num fuerint priscis cognita temporibus.

‘A planta spinaca (espinafre) – interroga-se há largo tempo Amato se acaso foi conhecida nos tempos antigos.’¹⁷

Algumas coincidências, tanto no conteúdo, como na seriação, permitem corroborar esta hipótese. Diogo Pires dedica dois dísticos (*Cato Minor*, 1596, p. 48) à pimenta e ao gengibre, duas matérias a que prestara igual atenção Amato Lusitano, como vimos. “Estão um a seguir ao outro”, comenta António Andrade, “da mesma forma que as entradas do tratado de Dioscórides. Isto

pimenta cresce como se diz, mas quando chega à maturação, colhe-se e põe-se numa esteira ao sol, onde se torna como nós a vemos, com aquele aspecto enrugado.”

¹⁶ “Uma simples comparação entre a colectânea do *Cato Minor* e os dois últimos livros dos *Epigrammata* de Marcial comprova, de facto, que o poeta eborense se inspirou, antes de mais, no livro dos *Xenia*, o que torna plenamente justificada a adopção deste mesmo título” (A. ANDRADE, 2009: 347). A ordenação dos dísticos em Marcial e Diogo Pires não é a mesma, mas são muitos aqueles que ostentam idêntico título, embora seja diferente o tratamento dos temas. É o caso dos dísticos relativos ao *piper* / pimenta (M. 13.5 e Pires, *Cato Minor*, 1596, p.49) e aos *Terrae tubera* (13.50) e *Tubera et boleti* (CM, p.64), a seguir comentados. Nas palavras de António ANDRADE (2005:342), os temas comuns a Diogo Pires e Marcial são por Diogo Pires “recriados de uma forma totalmente original e independente.”

¹⁷ Era um problema suscitado e muito debatido sempre que se “descobriam” plantas novas, vindas do Oriente. Até ao momento, não foi possível localizar o passo onde este assunto da *spinaca* foi tratado por Amato. Ao que tudo indica, trata-se de uma palavra de origem asiática.

acontece com outros exemplos e prova, se dúvidas houvesse, a colaboração e a relação entre as duas obras.”¹⁸ O mesmo acontece com as entradas referentes à cebola, ao alho e ao alho-porro, apresentadas nos dois autores na mesma ordem. São ainda comuns aos dois a entrada dedicada à *De hortensi smilax* (dístico *Phaseolus*, no *Cato Minor*, 1596, p. 54) e a entrada *De tuberibus terrae* (os dísticos *Tubera et boleti*, no *Cato Minor*, 1596, p. 64).

Estas coincidências não deixam margem para dúvidas, como se comprova com o estudo comparado das matérias enunciadas, confrontando os dísticos de Diogo Pires com as opiniões de Amato.

Piper

Non omnis bacchi pendet de vite racemus.
Interdum piperis grana racemus habet. (CM, 1596, p. 48)

‘Pimenta

Nem sempre da vide pende um cacho de Baco.
Por vezes, o cacho contém grãos de pimenta.’

Se consultarmos o que Amato diz a respeito da pimenta, verificamos que refere o cacho da pimenta cheio de grãos, à semelhança de um cacho de uvas.¹⁹ Tendo este dado presente, compreende-se bem o epigrama de Diogo Pires. O seu desfecho, um final inesperado típico do género epigramático, joga com a ideia de que tanto a pimenta como a vide produzem os seus frutos em cachos.

Zinziber

Qui tellure recens effossum devorat Indus,
Zinziber, illius ilia dura voces. (CM, 1596, p. 48)

‘Gengibre

Quanto ao Indo, que devora o gengibre recentemente
cavado da terra, dirás das suas entranhas que são duras.’

Neste dístico, no emaranhado do seu tecido poético, alude-se à origem do gengibre, proveniente da Índia, e à dureza do seu tecido fibroso. Sendo uma nova especiaria já muito difundida, não seria preciso consultar Amato para saber qual a sua origem.²⁰ Lembre-se, de resto, que em dado momento da sua vida, Diogo Pires se dedicou ao comércio de especiarias, um negócio de família, segundo documentam os estudos de António Andrade (2010).

¹⁸ Citado, com a devida vénia, de e-mail datado de 31 de Agosto de 2011.

¹⁹ *In. Il 105: Piperis arbor brevis in India fertur nasci, fructum fert a principio siliquarum modo oblongum, quod longum piper est, clauditque inter se quod exiguis milii seminibus simile sit integrum et absolutum mox futurum piper, id per maturitatem legitimo tempore dehiscens racemos ex se mittit granis quae nouimus onustos.*

²⁰ Vd. supra, citação do passo de Amato (*Index*, Il 106) relativo ao gengibre. A *enarratio* correspondente (Il, 154) nada contém que possa ter servido de fonte a Diogo Pires.

IN
DIOSCORIDIS
ANA ZARBEI DE
MEDICA MATERIA LIBROS
QVINQVE, AMATI LVSITANI DO-
ctoris Medici ac Philosophi Cele-
berrimi enarrationes
eruditissimæ.

*Accesserunt huic operi præter Correctiones Lem-
matum, etiam Adnotationes R. Constantini,
Necnon simplicium picturæ ex Leonharto Fuchsis,
Iacobo Dalechampio, atque alijs.*



LVGDVNI,
Apud Theobaldum Paganum.

1558.

Aos dísticos sobre a pimenta e o gengibre seguem-se, em Diogo Pires, outros relacionados com cebolas, alhos e trufas:

Cepa

Si delectaris cepis, vitabit amica
oscula, et extremo dormiet toro.

‘Cebola

Se te deleitates com cebolas, a tua amiga evitará
os teus beijos e dormirá na ponta da cama.’

Um outro dístico exprime ideia semelhante. É o seguinte, dedicado ao *bulbus et porrum*:

Bulbus, et Porrum

Si bulbum porrumve edisti nocte, puella
rara tibi amplexus, oscula nulla dabit.

‘Cebola e alho-porro

Se à noite comeste cebola ou alho-porro, rara será a jovem
que queira abraçar-te, e nenhuma quererá beijar-te.²¹

Amato tratara o tema da ingestão de cebola de outra forma (pois não referia o mau hálito provocado pela mesma) e com outro desenvolvimento, no *Index* II 118 (retomando mais tarde o assunto, em termos muito semelhantes, em *Enarr.* II 166). A propósito desse legume, evoca um malicioso epigrama de Marcial e lembra o carácter afrodisíaco do mesmo. O texto de Amato é particularmente interessante e merece a pena conhecê-lo, em tradução:

Quanto a estes bolbos [sc. a cepa], Marcial considera-os, em muitos passos, afrodisíacos, por despertarem a libido, como se pode depreender do epigrama:

“Se tens velha a mulher e os teus membros estão sem vida,
então é só com cebolas que te podes satisfazer.”²²

Daí que Varrão afirme, justamente, que devem ser comidas por ocasião de núpcias, e com ele concorda Apício, desde que às ditas se lhes acrescente noz de pinhão e suco de eruca e um pouco de pimenta.²³

De resto, Pitágoras atribui tal importância às cebolas de Mégara, que, ao que dizem, compôs um volume sobre as suas propriedades, entre as quais há que enumerar principalmente a cebola-albarrã e outras espécies, como se pode ver em Teofrasto, *Da história das plantas*, livro 8, e em Plínio, livro 19, capítulo 5.

²¹ Tradução de A. Andrade, 2005: p. 54.

²² MARCIAL, *Ep.* 13,34.

²³ Neste parágrafo, o texto latino da edição de 1536 está corrupto, tendo sido “reconstruído” com base no passo respectivo das *Enarrationes*, livro II, *Enarr.* 166, da edição de Veneza, 1553, p. 273. A receita de Varrão, incluída na obra de Apício com o número 308, diz o seguinte: “Eu escrevi a propósito de bolbos “cozidos em água para os que procuram as portas de Vénus”; depois servem-se ao jantar como para núpcias legítimas, mas com pinhões ou com suco de eruca e pimenta.” (veja-se esta tradução e comentário em *O livro de cozinha de Apício. Um brevíário do gosto imperial romano*. Introdução, tradução e comentários de Inês de Ornellas e CASTRO, Sintra, Colares Editora, s.d [1997], p. 184).

Allium

Quanto ao alho, Diogo Pires regista o seu uso como antídoto contra o veneno da víbora:

Praestans antidotum messoribus allia praestant,
ieiuno quoties vipera dente nocet.

‘Alho

Os alhos prestam aos ceifeiros um antídoto prestimoso,
sempre que a víbora, com seu dente esfaimado, os ataca.’

O poeta segue aqui a opinião generalizada entre a comunidade médica. Amato é de idêntica opinião. Diz o médico albicastrense, em dado passo: “Todos afirmam que o alho é muito eficaz no tratamento da mordedura da víbora, e nós mesmo o comprovámos por experiência”.²⁴

Vejamos, por fim, um dístico de Diogo Pires sobre trufas e cogumelos. Diz o seguinte:

Tubera, et boleti

Deliciae quondam boleti, et tubera Regum,
nunc miserae plebis vilior esca sumus.

‘Túberas e cogumelos

Outrora delícias dos reis, nós, os cogumelos e túberas,
valem agora menos do que o alimento da mísera plebe.²⁵

Diga-se que este dístico não deixa de ser enigmático, porquanto os boletos e as trufas sempre foram caros e muito apreciados. Vários epigramas de Marcial sugerem o seu preço elevado, chegando mesmo a sublinhar o dispêndio que seria comprar boletos para oferecer, como se pode ver em *Ep.* XIII 48:

Argentum atque aurum facilest laenamque togamque
mittere; boletos mittere difficilest.

‘Enviar peças de prata ou de ouro, uma capa ou uma toga
é coisa fácil; difícil é enviar uns cogumelos.’²⁶

²⁴ No *Index*, II, fil. 98, Amato lembra que o *scorodon* (alho) é bom remédio contra a mordedura de víbora. O mesmo diz na *Enarr.* 146, desta forma: *Verum allium in curatione morsus viperae multum valere, omnes tradunt, et nos ipsi experientia comprobatum habemus.* E a verdade é que tratou uma camponesa, como regista na *Centúria* I, cura 1, ministrando-lhe cebola, alho e vinho, quer como emplastro, quer em bebida. E, nos comentários ao caso, escreve a dado passo (*Centúrias*, vol. I, p. 49): “Arquígenes, Galeno, Paulo, Aécio e Dioscórides, na cura da mordedura de víbora, mandam que o doente use bastante vinho puro e alhos, a ponto de afirmarem que, se o atacado de mordedura de víbora beber vinho e comer muitos alhos, não precisará de nenhuma outra espécie de remédios. Tal é a confiança que têm neste.”

²⁵ Tradução de A. Andrade (2005: p. 64). Uma outra interpretação do verso 2 seria, talvez: “somos agora, para a plebe, um alimento de bastante baixo preço.” Seja qual for a interpretação do verso, o que prevalece é a ideia de que as trufas são, ao tempo de Diogo Pires, um alimento de pouco valor.

²⁶ Vd. tradução (de Delfim Leão) e notas (de Cristina de Sousa Pimentel) em Marcial, *Epigramas*, vol. IV, 2004, p. 152. Marcial dedica o epigrama XIII 50 às túberas: *Rumpimus altricem tenero quae vertice terram / tubera, boletis poma secunda sumus.* Isto é (tradução de Delfim Leão): “Nós, as túberas, furamos a terra nutriz com a nossa tenra / cabeça; somos a fruta que vem depois dos cogumelos.”

Que terá levado Diogo Pires a afirmar precisamente o contrário? Será que alude ao facto de os cogumelos serem o alimento dos homens do campo, na esteira do que Amato deixara registado nas *Curationes Medicinales*, Centúria I, no comentário à cura XXXIX (relativa a envenenamento por ingestão de cogumelos)? Anos antes, o médico tinha afirmado (*Ind.* II 91), apoiando-se em Galeno, serem as túberas um bom alimento, muito nutritivo e até afrodisíaco. Mas já nas *En.* II 139 exprimia opinião bem diferente: apoiado em Avicena, considerava as túberas *pessimum et terrestrem... nutrimentum* e, além disso, prejudicial aos nervos e ao estômago.²⁷ Perante tal discrepância, é difícil perceber a afirmação de Diogo Pires.

Neste campo, como noutros, teria sido possível estabelecer outras aproximações e afinidades entre duas obras tão diferentes como as dos primos Amato Lusitano e Diogo Pires. Mas é tempo de concluir.

EM SUMA

O homem do Renascimento faz da cultura antiga a sua cultura e nela assenta a base da criação de novos saberes. Amato, médico, e Diogo Pires, poeta, tiveram idêntica formação, idêntico gosto pela observação e, apesar de diferentes na sua actividade, um e outro revelaram claros interesses quer de natureza científica, quer de natureza filológica. Nada que cause estranheza, contudo. Digamos que tal identidade está no horizonte de expectativas ou, se preferirem, no ADN do tempo em que viveram.

27 Eis os textos: Em *Index* II 91: Omnibus tubera terrae nota sunt, quae vino lota sub cinere calido coquantur; cocta et munda, saleque item ac pipere aspersa, calida adhuc conviviis post esum carniuum, ut Platinae libro de Obsoniis placet, apponi debent. Alit hic cibus, ut Galeno placet, et quidem multum, ac venerem ciet; *En.* II 139: Parit intra se tubera tellus, sine caule, sine foliis, aliisque agnatis, quae pessimum et terrestrem praebent nutrimentum, et, ut tradit Avicenna, nervis et stomacho inimica sunt (...).

BIBLIOGRAFIA

- AMATO LUSITANO (1536) *Index Dioscoridis. Antuerpiae excudebat* Va. M. Caesaris.
- AMATO LUSITANO (1553) *In Dioscoridis Anazarbei de materia medica Libros Quinque Enarrationes*. Venetiis, MDLIII.
- ANDRADE, António (2009) “As mundividades de Diogo Pires à luz da colectânea poética dos *Xenia*”. In: OLIVEIRA, Fr., TEIXEIRA, Cláudia e DIAS, Paula B. (coords.), *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, vol. 2. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, pp. 345-351.
- ANDRADE, António (2010) “Ciência, negócio e religião: Amato Lusitano em Antuérpia”. In: CASTRO, Inês de Ornellas e ANASTÁCIO, Vanda (coords.) *Revisitar os saberes. Referências Clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, pp. 9-49.
- ANDRADE, António (2005) *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2005 (dissertação de doutoramento, versão policopiada).
- ANDRÉ, Carlos Ascenso (1983) *Diogo Pires. Antologia Poética*. Introdução, tradução, comentário e notas de Carlos Ascenso André. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso (1992) *Um judeu no desterro. Diogo Pires e a memória de Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso (2004) “Um judeu português nos caminhos do mundo”. In: *Humanismo para o nosso tempo: Homenagem a Luís de Sousa Rebelo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 171-190.
- APÍCIO ([1997]), *O livro de cozinha de Apício. Um breviário do gosto imperial romano*. Introdução, tradução e comentários de Inês de Ornellas e Castro, Sintra, Colares Editora, s.d [1997].
- GOUVEIA, A. J. Andrade de (1985) *Garcia d’ Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve.
- JORGE, Ricardo (1962) *Amato Lusitano. Comentários à sua Vida, Obra e Época. Ciclo Peninsular*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- P. O. KRISTELLER (1982) *El pensamiento renascentista y sus fuentes*, México.
- LEMONS, Maximiano (1955) “Os trabalhos científicos de Amato”. In *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Câmara Municipal de Castelo Branco.
- LOUREIRO, Rui (1998) *A biblioteca de Diogo do Couto*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- MARTINS, Jorge (2010) *Breve História dos Judeus em Portugal*, 2ª ed. Lisboa, Vega.
- MONTERO CARTELLE, E. (1996) “El estudio de la literatura médica del siglo XVI. La perspectiva filológica”. In SÁNCHEZ SALOR, E., MERINO PEREZ, L. y LÓPEZ MOREDA, S. (eds.), *La recepción de las artes clásicas en el siglo XVI*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 731-737.
- MORAIS, A. David de (2011) *Eu, Amato Lusitano*. Lisboa: Edições Colibri.
- ORTA, Garcia de (1963) *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia*. Reprodução fac-similada da edição impressa em Goa em 10 de Abril de 1563. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1963.
- PEREIRA, Virgínia Soares (2004) “Relato hagiográfico e memória clínica. Afinidades na organização discursiva de André de Resende e Amato Lusitano”. In SÁNCHEZ MARÍN, José A., y MUÑOZ MARTÍN, Mª. Nieves (eds.) *Retórica, Poética y Géneros Literarios*. Granada: Universidad de Granada, pp. 289-312.
- RAMALHO, Américo da Costa (1985) *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*. Coimbra: INIC.
- RAMALHO, Américo da Costa (1988) “Didacus Pyrrhus Lusitanus, poeta e humanista”. In *Para a História do Humanismo em Portugal*, I. Coimbra: INIC, pp. 121-137.

- RAMALHO, Américo da Costa (1988a) “Portugal em dois epigramas de George Buchanan”. In *Para a História do Humanismo em Portugal*, I. Coimbra: INIC, pp. 105-120.
- RICCO, Francisco (1993) *El sueño del Humanismo (de Petrarca a Erasmo)*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 17-19.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto (1992) “O espaço geográfico nas Centúrias de Amato”. In: *Medicina da Beira Interior da pré-história ao século XX*, *Cadernos de Cultura* n° 5, pp. 11-19.
- SANTORO, Mário (1991) *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (2001) *Encontros de civilizações: Brasil, Quinhentos anos de História*. Rio de Janeiro, Editora Senac Nacional.
- VÁRIOS (1955) *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Câmara Municipal de Castelo Branco.